

PINGA-FOGO

■ DIREITA NÃO SABE FAZER OPOSIÇÃO - A incapacidade da direita brasileira de fazer oposição é inacreditável. Em meio a questionamento internacional sobre a atuação da nossa Suprema Corte, com o ex-presidente Jair Bolsonaro sendo julgado, um ministro do STF resolve anular, nesta terça-feira (15), todos os atos da Operação Lava Jato contra o doleiro Alberto Youssef.

■ O ministro Dias Toffoli, do Supremo Tribunal Federal, o livrou de qualquer penalidade da Lava Jato, porém, a sua deleção continua válida. É réu confesso, revelou todo o esquema envolvendo o ex-tesoureiro João Vaccari Neto, os ex-ministros José Dirceu, Antonio Palocci, Guido Mantega e o ex-deputado André Vargas.

■ Na direita, só o pastor artilheiro Silas Malafaia soltou o verbo. “Chega a ser um verdadeiro escárnio que esta decisão ocorra em um momento tão delicado. Perdeu-se todo o pudor. Será que nenhum outro ministro do STF não fica constrangido com a decisão do colega?”.

■ É impossível falar de Alberto Youssef sem o rotular como doleiro, operador de remessas paralelas de divisas para o exterior. O seu currículo vem da época do Banestado, o banco oficial do Paraná, pivô de um escândalo histórico.

■ O pior é que o ex-juiz Sergio Moro é senador, tem tribuna. Era para a oposição estar ligando o ventilador e demonstrando a utilização do Judiciário. Ninguém dá um pio e a mídia faz um silêncio tumular, como se fosse normal. Será que a direita brasileira foi abduzida pelo Centrão?

■ A VOLTA DE FLÁVIO BOLSONARO - O freio de arrumação do processo sucessório no campo da direita no estado do Rio de Janeiro serviu para começar a arrumar a casa. A primeira delas será trazer de volta o senador Flávio Bolsonaro ao protagonismo político no Rio.

■ O parlamentar se distanciou muito da sua base. Ao mudar para Brasília, durante o período da presidência de Jair Bolsonaro, ele viveu um duplo papel, o de filho do presidente e interlocutor com o Congresso. O Rio foi esquecido.

■ Os parlamentares que Flávio ajudou a eleger, Rodrigo Amorim, Alexandre Knoploch, Léo Vieira, Alan Lopes e Filippe Poubel (PL), entre outros, primeiro se abrigaram com Wilson Witzel. WW se afasta de Bolsonaro e perde os deputados, que depois formam a tropa de choque do emergente Rodrigo Bacellar na Alerj. O grupo mais leal a Bacellar tem o DNA político do senador.

■ Sem residir no Rio e com raras incursões no interior, o Flávio perdeu a sua relação com os prefeitos. A nova safra ficou ainda mais distante.

■ No caso da candidatura de Rodrigo Bacellar, houve manifestações públicas que geraram sinais trocados e que excluíram o papel do Governador Cláudio Castro como elo de Bacellar com o Bolsonarismo.

■ Vale lembrar a ligação de Renato Araújo, ao lado do ex-presidente Jair Bolsonaro, para Rodrigo Bacellar, indicado o candidato derrotado a vice-governador da chapa. Cadê a esquizofrenia? O próprio Correio da Manhã registrou a chamada em manchete, com informações do próprio Araújo. Como Bolsonaro não o apoiaria se em vídeo sinalizou o nome de Araújo para vice?

■ O fiel escudeiro de Flávio Bolsonaro, o secretário de Defesa do Consumidor do Estado, Gutemberg Fonseca, grudou em Rodrigo Bacellar oferecendo seus serviços de marqueteiro e se apresentando como o interlocutor do senador. Ele fez o mesmo com Witzel e depois com Crivella.

■ Vivendo um momento delicado com o julgamento do 8 de janeiro, com o irmão no exterior, com pouco diálogo com o irmão vereador e ainda lembrado como possível nome para a sucessão presidencial, o senador Flávio Bolsonaro terá de arrumar tempo para reafirmar sua liderança no Rio e assumir uma rotina da convivência política,



Em agenda em Brasília, o governador do Rio de Janeiro, Cláudio Castro, durante reunião na sede do PL com o presidente nacional do partido, Valdemar Costa Neto; e com o presidente da legenda no RJ, Altineu Côrtes (e)

Departamento de Recursos Minerais do Estado do Rio de Janeiro (DRM-RJ) celebra 50 anos em Niterói



O presidente Luiz Claudio Magalhães e a diretora Mariana Ouchana com servidores aposentados do DRM-RJ durante a comemoração



Arthur, estudante de Direito e filho do presidente do DRM Luiz Magalhães, prestigiando o pai



O secretário da Casa Civil do RJ, Nicola Miccione, sendo recepcionado por Luiz Magalhães



O Corregedor-Geral de Justiça, desembargador Cláudio Brandão de Oliveira (e) com o desembargador Paulo Rangel



O anfitrião, Luiz Magalhães, presidente do departamento, com a deputada Tia Ju e seu marido Pedro Freitas



O vereador do Rio Diego Fato também prestigiou os 50 anos do DRM-RJ

da qual, infelizmente, se distanciou. Para comandar o processo sucessório com o Rio, terá de estar presente e retomar as bases que ficaram abandonadas pelo jogo nacional.

■ PESO ELEITORAL DE CASTRO - O governador Cláudio Castro, no topo dos seus 5 milhões de votos, tem todo o direito de escolher o seu futuro político e de decidir se vai ou não concorrer ao Senado. Hoje, com a liderança que exerce com os prefeitos, lhe garante uma musculatura e peso eleitoral para 2026 enorme. Atualmente é o candidato que traz votos para a chapa além do teto do bolsonarismo.

■ MAIS PERTO DAS BASES - Este freio de arrumação nas bases eleitorais da direita do Rio servirá também para trazer mais perto as lideranças fluminenses que hoje atuam muito no cenário nacional. A agenda de Brasília tem sugado o tempo de Dr Luizinho, Altineu Côrtes e Aureo Ribeiro (este último mantendo o cordão umbilical às bases). As li-

deranças funcionaram na eleição municipal. O ano de 2025 seria tranquilo, mas não está sendo. Como dizia o inesquecível Francisco Dornelles (que tanta falta está fazendo no Rio): “Política se faz gastando muita sola de sapato”.

■ VALDEMAR SABE SER LÍDER - O presidente do PL, Valdemar da Costa Neto, é uma das mais importantes raposas felpudas da política brasileira. Sabe ser político com P maiúsculo. A conversa com o governador Cláudio Castro foi de uma cordialidade extrema. Teve a humildade de pedir desculpas pelos sinais trocados pelos Bolsonaros nos últimos dias. Afirmou que não abre mão da presença de Castro na legenda e que ele é seu candidato ao Senado pelo Rio. E, na frente dos interlocutores, fez a matemática da razão, do encolhimento do PL com a possível saída do governador.

■ AGENDA FECHADA - O governador Cláudio Castro teve, no início da noite de quarta, 16, uma agenda importante em Brasília. Uma longa conver-

sa ao pé de ouvido, sem olhar para o relógio, na casa de Antônio Rueda, presidente do União Brasil e da Federação Progressista.

■ CONTAS APROVADAS - O Plenário do TCMRio votou, nesta quarta-feira (16), por unanimidade, pela emissão de Parecer Prévio favorável à aprovação das contas de governo da Prefeitura do Rio, relativas ao exercício de 2024, baseando-se no relatório e voto do conselheiro-relator, Ivan Moreira dos Santos, com ressalvas: emissão de 3 Alertas, 15 Determinações e 7 Recomendações.

■ Os dados apresentados demonstram que a Prefeitura acatou os limites constitucionais e registrou superávit orçamentário na ordem de R\$ 690,17 milhões, com a observância aos preceitos constitucionais e legais relativos aos planos e programas de governo, à apuração de níveis de endividamento e à aferição do atendimento às vinculações de gastos mínimos e máximos com saúde, educação, pessoal, entre outros.

Fernando Molica

Ameaça ao Pix vem de Washington, não de Brasília

A inclusão do Pix no rol das várias queixas do governo norte-americano em relação ao Brasil chega a ser irônica com os bolsonaristas. Afinal, eles tanto acusam a administração petista de querer taxar ou mesmo acabar com esse ovo de colombo para pagamentos inventado pelo Banco Central.

A reclamação serve também para provar mais uma vez — se é que isso ainda precisaria ser reiterado — que os Estados Unidos, assim como qualquer outro país, não se movem por amizades, mas por interesses. Ao levarem bandeiras norte-americanas para atos públicos, manifestantes de extrema direita apenas asfaltavam caminho para o SUV trumpista que agora ameaça nos atropelar.

Uma boa parcela do eleitorado da direita brasileira deu de ombros quando Donald Trump começou a perseguir imigrantes (muitos nascidos aqui), a deportá-los, a enviá-los para prisões de desumanidade máxima. Eles, as vítimas, são os mais ferrados, não foram pros Estados Unidos

passar na Disney ou trabalhar de forma institucionalizada; são os mais pobres, os ilegais — e, afinal, quem manda ser clandestino no país dos outros, não é mesmo? (Esta última frase contém elevados teores de ironia.)

Em janeiro, o governo Lula levou um tombo em sua popularidade ao tentar regulamentar, via Receita Federal, o monitoramento de transações com o Pix. A medida foi então percebida como uma brecha para a ampliação do controle de rendimentos e sua consequente taxação — algo que setores do comércio notaram há muito tempo, é só ver os bares e restaurantes que rejeitam a forma brasileira de pagamento. A grita foi tão grande que o governo precisou voltar atrás.

Agora, a história é mais séria. É o governo do país mais poderoso do mundo que ameaça — para usar a imagem do senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ) — jogar uma bomba atômica no Pix. Isto porque o mecanismo atrapalha o faturamento de

empresas norte-americanas, como Google Pay, Apple Pay e as que emitem cartões de crédito.

Só ano passado, boa parte dos R\$ 26,455 trilhões transferidos via Pix não passou pelo caixa de tais empresas. Um dinheirão que deixou de, digamos, pagar imposto para gigantes como Mastercard e Visa. o percentual dos valores de compras que é mordido pela operadora.

Brasileiros que tanto temem a possibilidade de taxação do Pix (vale lembrar que, no governo passado, Paulo Guedes queria ressuscitar a CPMF), agora percebem que empresas norte-americanas é que taxam muitas de nossas transações.

A cobrança de taxas pela administração de pagamentos afeta todo mundo, o comerciante que recebe os pagamentos e os clientes, obrigados a arcar com o repasse do percentual retido por cartões de crédito ou instituições financeiras.

No fim das contas, a ameaça ao Pix não vem de Brasília, mas de Washington, do mesmo lugar de

onde partiu a decisão de inviabilizar exportações brasileiras que geram renda e emprego aqui entre nós. Medidas concretas e explícitas que, pelo menos, ajudam a colocar nos eixos um mundo deslocado por terraplanistas que tanto louvaram as estrelas e as listras da bandeira norte-americana.

E, vale deixar claro, ao erguer essas barreiras, o governo dos Estados Unidos apenas renova o que sempre fez; boa parte de sua prosperidade foi construída com base em medidas contrárias a países que tomaram atitudes que contrariavam seus interesses.

Foi isso que ergueu a longa tradição intervencionista dos EUA, que motivou sua atuação em golpes de Estado na América Latina e a sempre renovada presença no Oriente Médio, onde há muito petróleo.

Em nome de seus negócios, os norte-americanos patrocinaram a retirada de um pedaço da Colômbia para que lá criassem um país — o Panamá — que viabilizasse o canal que ligaria o Atlântico ao Pacífico. Tólinhos os que acreditaram que essa lógica havia mudado.